
A voz dos docentes da rede pública

The voice of the public-school teachers

La voz de los profesores de la red pública

Célia Rita Maciel

Funiber- Fundação Universitária Iberoamericana
celiamaciel773@gmail.com

Marilene Severina Pereira de Souza

Funiber- Fundação Universitária Iberoamericana
lilene-lilene@hotmail.com

Taiana de Oliveira de Paoli

Funiber- Fundação Universitária Iberoamericana
taianapaoli@gmail.com

Resumo

O presente artigo busca refletir acerca da realidade da educação no Brasil, no período que corresponde à crise desencadeada pela Pandemia de Covid-19. As experiências em forma de relatos reproduzem as vozes de milhares de docentes, de diferentes regiões do país, com suas angústias, dificuldades e superações buscam reinventar-se a cada dia. A escola vista como mediadora do tecido social, que se vê diante de um desafio sem precedentes e precisa estar ancorada a recursos tecnológicos que possam suprir as necessidades de acesso ao aprendizado de forma remota, enfrentando o grande desafio de não ser, mais uma vez, legitimadora das desigualdades historicamente estruturadas, em um país exposto às mazelas de uma política pública deficitária.

Palavras-chave: Estudantes; Oportunidades; Pandemia Covid-19; Educação; Docentes.

Abstract

This article seeks to reflect on the reality of education in Brazil in the period that corresponds to the crisis triggered by the Covid-19 Pandemic. The experiences reported reproduce the voices of thousands of teachers, from different regions of the country, who with their anguish, difficulties and overcoming, make them reinvent themselves every day. The school seen as a mediator of the social fabric, which faces an unprecedented challenge and needs to be anchored to technological resources that can remotely achieve the needs for access to learning, facing the great challenge of not being, once again, legitimizing historically structured inequalities, in a country exposed to the ills of a deficient public policy.

Keywords: Students. Opportunities. Covid-19 Pandemic. Education. Teachers.

Resumen

Este artículo busca reflexionar sobre la realidad de la educación en Brasil, en el período que corresponde a la crisis desencadenada por la Pandemia Covid-19. Las vivencias en forma de reportajes reproducen las voces de miles de docentes de diferentes regiones del país, que con sus angustias y dificultades de superación, buscan reinventarse cada día. La escuela vista como mediadora del tejido social, que se enfrenta a un desafío sin precedentes y necesita estar anclada a recursos tecnológicos que puedan satisfacer las necesidades de acceso remoto a los aprendizajes, enfrentando el gran desafío de no ser, una vez más, legitimador históricamente. Desigualdades estructuradas en un país expuesto a los males de una política pública deficitaria.

Palabras claves: Estudiantes, Oportunidades, Pandemia Covid-19, Educación, Profesores.

Introdução

Este texto relata uma análise das práticas docentes discursivas sobre a vivência de três professoras que exercem seu ofício em escolas públicas, em três diferentes estados do Brasil. Através de suas experiências, elas contarão seus desafios, derrotas e superações descrevendo suas vivências em sala de aula, no contexto da pandemia Covid-19, em que um número expressivo de escolas no mundo todo teve suas atividades suspensas, não sendo diferente no Brasil.

Assim, professores, equipes pedagógicas e administradores escolares tiveram que adaptar, planejar e colocar em prática seus conteúdos, diante de um contexto de excepcionalidade, pois as alternativas passaram a ser adotadas com o objetivo de reduzir o prejuízo educacional e a preservação do direito à educação.

Essas abordagens partem de uma reflexão sobre a educação em tempos de pandemia, na qual irão apresentar suas experiências, as possibilidades e os desafios que enfrentaram e ainda estão enfrentando no ensino remoto e ensino híbrido, pois a educação tem sofrido uma repercussão da crise, que traz, como consequências imediatas, mudanças no planejamento e abordagem do ensino, de forma que possa garantir o acesso dos estudantes, amenizando, assim, as desigualdades e as oportunidades sociais.

A crise pandêmica não pode ser vista como um recorte no panorama brasileiro. Ela faz parte de uma teia de problemas, que estão longe de serem resolvidos. Questões básicas, asseguradas pela Constituição, não conseguem ser supridas para uma enorme parcela do povo: saúde, saneamento, segurança, empregabilidade.

Desenvolvimento

A gestão da pandemia ocorre de formas diferentes, nos vários âmbitos da sociedade. Sempre, quem sofre as maiores consequências são os menos favorecidos economicamente. No caso do Covid 19, que prevê medidas sanitárias mais rigorosas e o isolamento social intenso, percebe-se que tais medidas são dificultadas em famílias numerosas e de baixo poder aquisitivo. Tais medidas, que parecem simples e de baixo custo – como higienização com água e sabão, álcool em gel –, para muitas pessoas, que não têm água direito sequer para cozinhar ou beber, tornaram-se um problema maior. Isolar-se em pequenos cômodos, com muitas pessoas, é uma tarefa impossível na realidade de muitos. A questão do sustento e da subsistência impede que os provedores das famílias consigam seguir à risca os protocolos de uma quarentena que se prolonga há mais de um ano e, pior ainda, grande parte desses indivíduos não conseguem manter seus empregos, na conjuntura decorrente da necessidade de isolamento.

A educação tem sofrido um impacto sem precedentes. A fragilidade do sistema educacional brasileiro está sendo posta à prova. O poder público não consegue arcar com o ônus de décadas ou centenas de anos de descaso com a educação. A pandemia veio acentuar uma crise, na qual o país está imerso historicamente: má distribuição de recursos, política e economia dilapidadas por má administração, diminuição dos índices de desenvolvimento humano – situações que levam o país ao colapso. A educação é um fio dessa rede. Mas, neste contexto é preciso atenção ao uso da palavra crise, porque é uma engrenagem perversa. No Brasil, a crise é estrutural, extrapola o significado da palavra que, originalmente, é definida como um momento difícil em busca de uma solução. Quando a situação chega a um patamar que não se vislumbra uma solução, deixa de ser crise e se torna caos.

[...] a crise é, por natureza, excepcional e passageira, e constitui a oportunidade para ser superada e dar origem a um melhor estado de coisas. Por outro lado, quando a crise é passageira ela deve ser explicada pelos fatores que a provocam. Mas quando se torna permanente, a crise transforma-se em causa que explica todo o resto (SANTOS, 2020, p. 5).

A questão da educação na pandemia precisa ser colocada sob uma lupa, cheia de nuances, que perpassam por aspectos que precisam ser analisados, como os formatos das aulas, no contexto do isolamento. Metodologias específicas precisaram ser criadas e a vida escolar reorganizada. A base de sustentação do novo modelo de escola são as tecnologias e suas diversas possibilidades de abordagem e uso, que passam a ser o foco do planejamento estrutural do ensino remoto. Novamente, as questões socioeconômicas interferem na educação, uma vez que para que as metodologias sustentadas pelo uso das tecnologias sejam implementadas, seria necessário que todos tivessem acesso a equipamentos e internet de qualidade, o que está longe de ser uma realidade.

Outro desafio é o preparo dos professores para lidarem com essa nova realidade, porque nem todos estão aptos a atuarem com desenvoltura no uso das plataformas digitais. Neste aspecto, os próprios cursos de formação docente são deficitários. Os organismos responsáveis pela gerência do ensino também não têm um mecanismo eficiente de atualização dos profissionais ao acesso tecnológico que seja suficiente para suprir essa demanda e implementar esse novo fazer pedagógico. A vulnerabilidade da educação é manifesta, no Brasil, desde sempre e o recorte pandêmico traz os holofotes para essa situação, que reproduz a desigualdade social dentro das escolas. As ferramentas tecnológicas, que deveriam ser inclusivas num contexto de desigualdade, tornam-se cada vez mais segregadoras. Haja vista as diferentes abordagens do ensino remoto nas escolas particulares em comparação com as escolas públicas (RANGEL; GUEDES, 2021).

A realidade está clara: os desafios são imensos, a educação em crise, a vida em crise. Driblar a morte e criar expectativas no contexto do caos é difícil, porém necessário. Quando se tem consciência de que a educação sempre foi deficitária, mas que os educadores sempre conseguiram abrir caminhos, derrubar barreiras e fazer o impossível para realizar o seu trabalho com respeito e dedicação, além e apesar das diversidades e das adversidades, é possível acreditar que um novo modelo de educação vai surgindo aos poucos.

É óbvio que, numa sociedade desigual, esse avanço é também desigual. A escola sempre reproduziu situações de desigualdade social e econômica. O momento exige uma reflexão acerca das dificuldades enfrentadas pela educação, em nosso país, ao longo dos anos e que tem aflorado neste

contexto. Comparar o trabalho remoto desenvolvido nas escolas particulares com o das escolas públicas seria descabido. É preciso, pois, trabalhar com contextos possíveis, dentro de cada realidade. Elencar novas possibilidades de avanço no ensino remoto com aquilo que é acessível, definir ações e novas formas de atuar é mister. Os professores, em geral, estão sempre preparados para o imprevisto e o imprevisto assumiu proporções tão gigantescas, o processo de reestruturação, neste momento, é muito amplo. Uma rede colaborativa vem sendo, timidamente, criada: *lives*, *workshops* e cursos *online* vêm sendo um aparato de grande ajuda, levando em conta o despreparo de grande parte dos profissionais, no sentido de lidar com as tecnologias, conforme este trabalho busca salientar.

Uma questão importante é avaliar como o ensino remoto chega ao seu produto final e como os alunos têm reagido e respondido à demanda das atividades propostas. Os professores precisam se preparar, organizar suas aulas, aderir às novas metodologias, sem perder o foco da realidade vivida por seus alunos. O papel da educação institucional passa pelo escrutínio da nova realidade, o papel socializador da escola está sendo colocado em xeque: como socializar no isolamento? É preciso criar mecanismos fora do espaço de convívio e interação física. A palavra de ordem é inclusão, no sentido de pensar que cada aluno vive uma realidade sócio-econômico-cultural, que cada um tem um ritmo de aprendizagem e, principalmente, que cada um tem um grau de acessibilidade ao ensino remoto. Dessa forma, é preciso elaborar propostas que atendam a todos (LIBERALI et al., 2020).

Vozes docentes

É interessante perceber que, em um país tão grande e cheio de contradições, os mecanismos de ensino no contexto da pandemia variam um pouco de acordo com a região e as políticas públicas envolvidas. Uma vez que o presente estudo é organizado e planejado por pesquisadoras de regiões diferentes, um recorte de observações por micro e macro regiões se faz necessário, para uma abordagem mais assertiva.

Voz de Guaraciaba/SC

Sou a Taiana, especialista em Educação Especial, atuo como professora no estado de Santa Catarina, numa pequena cidade (10 mil habitantes – IBGE/2019) onde faço o atendimento a alunos com deficiência no 1º ano do ensino médio. No início da Pandemia, em meados de março de 2020, o nosso grupo docente não tinha nenhum tipo de planejamento ou habilidades para o ensino à distância que, atualmente, é nossa principal ferramenta. Ninguém poderia imaginar que a pandemia ganharia proporções tão grandes, e que seríamos obrigados a passar por algo assim. Logo, a adaptação a essa nova realidade, para muitos, não foi muito fácil, pois alguns professores jamais haviam tido contato prévio com as tecnologias. Contudo, professores e gestores escolares tiveram que se organizar, planejar e reformular todo o currículo escolar presencial para o ensino remoto. A partir disso, a escola passou a utilizar alguns aplicativos de imagem e som, como *Zoom*, *Skype*, *Google Meet* e *Google Classroom*. Dessa forma, tivemos, enquanto professores, que aprender rapidamente a gravar e editar vídeos e, sobretudo, a criar estratégias para promover o ensino aprendizagem, mantendo a atenção dos alunos, do outro lado da tela. Em reuniões semanais da equipe gestora e professores, via *Meet*, abrimos um amplo debate sobre a adoção de estratégia emergencial no contexto pandêmico, elaboramos um mapeamento das forças e das fraquezas, dilemas e soluções do ensino remoto aplicados à realidade que estamos enfrentando.

No dia 18 de fevereiro de 2021, por decreto Estadual, voltamos às aulas presenciais, mas usando um formato de ensino híbrido. Cada sala possui capacidade para atender 11 alunos, segundo o protocolo sanitário, sendo a turma dividida em dois grupos: A e B. Também nos vimos obrigados a atender a Escola Polo, em função de seu déficit de professores. Cada grupo vem durante uma semana, ficando o outro em casa, com atividades postadas no aplicativo *Google Classroom*. O grupo Polo é composto por alunos de toda a região que, por pertencerem ao grupo de risco, não podem frequentar a escola, sendo atendidos de forma totalmente remota. Dentro de todas as nossas atribuições, tanto a equipe gestora quanto os docentes tiveram de reformular novamente o currículo escolar, adaptando, planejando e colocando em prática as estratégias para atender a todos esses alunos de maneira híbrida e remota.

Em meio a isso tudo, observa-se que as famílias veem o papel do professor com outros olhos, pois tem nas mãos a responsabilidade de auxiliar seus filhos nas resoluções das atividades, percebendo melhor a importância do profissional da educação que lança mão de várias estratégias e métodos para promover o ensino-aprendizagem, muitos, incansavelmente, sem medir esforços para isso, além de motivar e fazê-los não desistirem dos estudos. Receber esse reconhecimento das famílias foi gratificante.

Estamos passando por uma grande mudança, que traz grandes desafios, nos quais o foco é garantir que os estudantes recebam o ensino básico e não sejam prejudicados no processo de escolarização, a fim de amenizar as desigualdades e promover as oportunidades para ascenderem socialmente. A cada semana, surgem novidades, tarefas a serem refeitas. Às vezes, dá vontade de desistir, pois nesse momento só temos deveres e nada de direitos. O trabalho do professor no ensino híbrido e, ao mesmo tempo, no remoto vai além da carga horária contratada, pois o professor encontra-se disponível a todo o tempo, para atender de modo aceitável as demandas (planejar ações, alimentar plataformas online, realizar *web conferências*, responder às perguntas e tirar dúvidas dos alunos e familiares via *WhatsApp*, corrigir atividades e avaliar o aluno). Esse trabalho excessivo provoca exaustão profissional ao professor que, muitas vezes, minimiza a compreensão e a valorização das famílias e alunos.

Hoje estamos vivenciando uma reinvenção da educação, em que escola e família necessitam estar unidas no processo formativo, tanto na educação quanto na parte emocional de todos os envolvidos. São novas realidades que requerem novas posturas e atitudes. Em meio a tantos desafios, já foi possível observar grandes avanços e lições de vida.

Voz de Recife/PE

Sou Marilene, professora da disciplina de Matemática do segundo e terceiro anos do ensino médio. Trabalho em uma escola pública estadual. Hoje, um ano após a chegada dessa pandemia, que já causou tantos transtornos aos profissionais da educação, estes se veem diante de mais um desafio, agora com o ensino híbrido que foi imposto, sem cursos, capacitações ou até mesmo suporte técnico.

Os professores e alunos, desde meados de setembro de 2020, enfrentam o problema de conciliar a aula presencial e *online*. A escola em que trabalho está adotando um sistema de revezamento de aulas presenciais, pois, conforme o decreto estadual, as turmas tiveram que ser divididas em grupos de no máximo 16 estudantes, onde uma parte assiste aula presencial e a outra *online*. O grande desafio é o estudante seguir as orientações de assistir a aula presencial. Depois nós, docentes, implementá-la no formato *online*, fazer as atividades e reportá-las para que o professor possa assim corrigir.

Temos também que instruir a família a orientar seus filhos a acompanhar as aulas *online*. Mas, como é que a família pode ajudar a escola em orientar o estudante a fazer algo que eles mesmos desconhecem?

Este é mais um problema enfrentado pelos professores: tentar explicar para a família e os responsáveis como funciona o ensino híbrido e que para ministrar uma aula não é necessário que o docente esteja presente fisicamente.

Por outro lado, o professor tem que disponibilizar o conteúdo que foi dado em sala de aula para o estudante que está em casa e que, na maioria das vezes, não consegue ter acesso aos conteúdos por vários motivos, tais como internet, computador, celular, pois não possui condições financeiras para suprir essas necessidades, entre outros motivos. Uma vez que na realidade de nossa região a população se encaixa no grupo de baixa renda e os alunos da rede pública, a grande maioria ficou sem ter o que comer, que dirá internet para assistir às aulas online! Na situação em que se encontram, com pais desempregados, muitos alunos tiveram que trabalhar para contribuir com a renda familiar, tendo que conciliar estudo e trabalho.

Nessa situação, os professores têm que repetir várias vezes o mesmo conteúdo, pois a cada semana tem aluno diferente de uma mesma turma em dias alternados. Sem falar nos estudantes que optaram em ficar totalmente com o ensino remoto, porque os pais têm medo de expor seus filhos. Assim, nós, professores, tivemos que nos replanejar e preparar aulas para as turmas que estão no ensino presencial. As turmas que estão no ensino remoto e as turmas que estão no formato híbrido, pois os nossos estudantes estão vivendo situações diferentes, dificuldades diversas e nós, docentes, tivemos que buscar formas de levar o conhecimento para esses estudantes de forma a não os prejudicar cognitivamente.

Dessa forma, concluímos que estamos passando por esse momento tão difícil para a educação e sabemos que ainda falta muito para conseguirmos a qualidade que buscamos. Mas, com o esforço e a dedicação desses profissionais, vamos vencer essa batalha e, claro, de mãos dadas com as famílias.

Fica aqui um relato, um desabafo de uma professora que está tentando dar o máximo pela educação, pois mesmo em meio a tudo que estamos vivendo ainda acredito que podemos melhorar e levar para esses estudantes uma educação de qualidade e, acima de tudo, segura para eles e suas famílias.

Voz de Juiz de Fora/MG

Sou Celia, professora de Português da rede pública na cidade de Juiz de Fora, onde a situação é bastante instável e traz insegurança e angústia às pessoas envolvidas: professores, funcionários, direção e coordenação escolares, alunos e responsáveis. Durante todo o início da pandemia, a comunidade escolar foi obrigada a adaptar-se ao ensino remoto, sem definições claras de como organizar todo o processo. Tudo aconteceu de forma repentina e ninguém estava preparado para as transformações (mudanças) tão radicais, quer no cotidiano social e familiar, quer nas relações de trabalho e estudo. O desespero aliado ao despreparo colocou toda a sociedade em xeque e exigiu soluções rápidas.

Em 2021 as engrenagens já estavam girando e o trabalho remoto já estava melhor estruturado. Os problemas existem e são latentes, mas já é possível vislumbrar um avanço. Não existe fórmula pronta de adaptação para uma realidade inédita e a educação, que sempre esteve vulnerável e à mercê das condições socioeconômicas do país, se vê em condições cada vez mais precárias, obrigada a reinventar-se a cada dia. Todos se viram sob uma perspectiva diferente nesse contexto de isolamento. Refletir sobre esse novo cenário requer um novo olhar para a construção de um processo educacional ancorado nas tecnologias. É neste ponto – tecnologias acessíveis – que os problemas e questões econômicas afloram. O uso das tecnologias nas escolas mineiras não segue um padrão uniforme de acessibilidade e, portanto, não é possível estabelecer modelos que atendam com equidade a todas as escolas e atinjam todos os alunos de forma adequada, em todos os segmentos.

O impacto da pandemia impôs um modelo de pedagogia multimodal, onde o uso das tecnologias deveria contribuir para a expansão de recursos e funções de plataformas digitais, que propiciassem um engajamento aluno/professor/escola, uma construção em redes e teias de acolhimento que fosse realmente funcional. A rede estadual de ensino do Estado de Minas Gerais criou o “Conexão Escola”, um aplicativo que pode ser baixado no *Google Play Store*, com navegação paga pelo Governo.

A utilização da Interface do Google Sala de Aula vai permitir um ganho na interação *online* entre professor/aluno, além de possibilitar que os educadores disponibilizem materiais para os estudantes de cada sala e promovam a realização de conversas por vídeo. É importante reforçar também que o aplicativo segue oferecendo as possibilidades anteriormente ofertadas, como baixar o Plano de Estudo Tutorado (PET) e as tele aulas do programa Se liga na Educação (SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS, 2021, s./p.).

O PET é um conjunto de atividades de todos os componentes curriculares de cada etapa de ensino que os estudantes devem realizar em casa para dar continuidade ao seu processo de ensino e aprendizagem. O material é a principal ferramenta, é o instrumento estruturante desenvolvido para o Regime de Estudo não Presencial, ofertado pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG) neste momento em que as atividades escolares presenciais estão suspensas.

A proposta do Conexão Escola é manter o vínculo dos estudantes com a escola, de forma a garantir a continuidade do processo formativo. A concepção do projeto, as estratégias e a abordagem, em geral, são excelentes. No entanto, esbarra, como sempre, em questões básicas, de entraves econômicos: muitos alunos, ainda que a internet seja patrocinada pelo Governo, não conseguem acesso, por falta de aparelhos celulares ou computadores, ou por morarem em lugares onde o acesso à internet é ruim, ou por falta de interesse e apoio familiar. Se bem utilizado, seria uma possibilidade de consolidação dos conteúdos bastante interessante, mas a realidade socioeconômico-cultural faz a viabilidade questionável, para muitos, ainda.

As escolas municipais não adotaram plataformas oficiais. As escolas estão se adequando, conforme as possibilidades de cada comunidade escolar, sendo mantido o ensino remoto.

Para além dos entraves tecnológicos e de todas as dificuldades encontradas, o ensino remoto está acontecendo. Pode não ser o melhor caminho, mas é o possível neste momento em que os números da pandemia estão em franca ascensão na nossa região, assim como no país inteiro. No entanto, o embate maior tem sido a pressão para o retorno presencial. Um grupo denominado Movimento Escolas Abertas tem promovido atos públicos desde o final de 2020 e reuniões com as lideranças políticas reivindicando que a educação seja tratada como serviço essencial. No entanto, a prefeitura mantém, até o presente momento, o decreto de suspensão das aulas presenciais, nas escolas públicas e privadas (ZANELLA, 2021).

O retorno ao ensino presencial cria situações que vão além das aglomerações nas escolas que, com todos os protocolos de segurança, sem a vacina, são passíveis de amplo contágio, conforme verificado em outras localidades que retornaram ao ensino presencial. Questões como o transporte público, que teria um aumento da demanda, precisam ser observadas.

Fica claro, pois, que as tentativas de manter os alunos nas escolas, utilizando os recursos possíveis e necessários, estão sendo feitas. No entanto, todo cuidado é pouco no que tange aos efeitos psicológicos da Pandemia na vida das pessoas.

O confinamento gera um estresse físico e psicológico, crianças e adolescentes precisam de movimento, de interação, de estar juntos, de compartilhar experiências (MAIA; DIAS, 2020).

Considerações finais

Devemos ter consciência que neste momento precisamos estreitar o elo social entre família e escola, pois as famílias devem estar dispostas e inteiramente estruturadas para cooperar, abrir o leque e ter uma visão de empatia pelos profissionais de ensino. Sendo assim, ao planejar atividades e as escolhas das mídias e tecnologias a serem utilizadas, é preciso contextualizar a realidade das famílias e fazer com que este processo seja inclusivo e facilite o acesso dos envolvidos. No entanto, a questão familiar

extrapola o planejamento escolar, uma vez que, justamente neste momento crítico, em que tantas mudanças ocorrem, o desemprego, o trabalho remoto, o isolamento social, trazem à tona questões e problemas difíceis de serem solucionados e isso reflete na condução do processo de estudos remotos de crianças, adolescentes e até mesmo adultos.

Dessa forma, se pode observar que a comunicação é um diálogo aberto entre escola e comunidade, fundamental para alcançar uma educação de qualidade. Podemos observar através desta pesquisa que, apesar de estarmos passando por um momento caótico, de muitas perdas, sempre existirá uma possibilidade de termos um ensino eficaz, alcançado através de uma correta utilização dos meios e tecnologias digitais, um desenvolvimento e planejamento educacional voltado às necessidades reais dos alunos, considerando sempre um nível de desenvolvimento cognitivo, comunicação e interação entre família, escola, aluno e professor.

A tomada consciente de decisões faz com que os alunos sejam os agentes da aprendizagem e a categorização das estratégias possíveis, reconhecendo a grande diversidade da demanda escolar, vai além das Secretarias de Educação. É uma responsabilidade e um compromisso de toda a sociedade, que tem o direito de participar de todas as decisões e cobrar um posicionamento objetivo das autoridades competentes. É uma responsabilidade e um compromisso de toda a sociedade, que tem o direito de participar de todas as decisões e cobrar um posicionamento objetivo das autoridades competentes. O poder público e as autoridades sanitárias precisam estar em consonância com os enfoques dos procedimentos de orientação e informação. O risco de um retorno precoce já foi demonstrado em vários países e em regiões brasileiras.

Elaborar protocolos, diagnosticar formas de comunicação entre escolas e a comunidade para que as proposições de atividades cheguem aos alunos de forma significativa, tendo como referência os princípios da educação integral e analisar planos de retomada gradual ao ensino presencial são decisões que precisam ser tomadas com responsabilidade, baseadas em dados estatísticos sobre índices de contaminação regional. Ceder a pressões externas é irresponsabilidade.

Para as escolas públicas, redimensionar o acesso ao ensino presencial, neste momento, pressupõe ciência de que o ambiente físico é uma variável que influencia em primeira mão a decisão do retorno. Não é uma simples

questão de cumprir ordens e atender resoluções burocráticas. É preciso que as estratégias de readequação sigam normas claras e possam operacionalizar ações que deem conta do novo cenário.

O foco na comunidade escolar é imprescindível. Trabalhar o apoio social junto aos estudantes, familiares sem perder de vista o professor. Muitas vezes, na busca por minimizar os efeitos da educação à distância e propor retorno, ficam esquecidas as questões psicológicas e emocionais que envolvem todos os indivíduos que protagonizam esta situação: o luto por pessoas queridas ou a debilidade da saúde dos convalescentes são questões fundamentais que merecem atenção e cuidado.

Os professores, já sobrecarregados com suas demandas de trabalho, não podem ser os únicos responsáveis por conduzirem o retorno presencial. Uma força tarefa precisa ser empreendida. Inclusive, seria interessante um suporte de profissionais da saúde mental que pudessem dar um aporte neste momento, coisa bastante difícil no contexto de escolas públicas.

A imagem do professor tem sofrido um desgaste pela mídia, por políticos e parte da sociedade que, insensível à realidade, chega a julgar que o professor não quer trabalhar, ignorando que sua carga de trabalho aumenta com o ensino remoto. Diante das pressões sofridas, a angústia dos professores ante as perspectivas do “novo normal”¹ é, muitas vezes, uma luta solo. A competência para a tomada de decisões precisa levar em conta todos os elementos supracitados. A educação, assim como todos os segmentos profissionais da sociedade, está cercada de desafios e incertezas. Mas, neste cenário de diversidades não se pode ignorar o fato de que são vidas humanas em jogo.

Referências

LIBERALI, Fernanda Coelho; FUGA, Valdete Ferreira; DIEGUES, Ulysses Camargo Corrêa; CARVALHO, Márcia Pereira de (Orgs.). *Educação em tempos de pandemia: brincando com um Mundo Possível*. 1.ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2020.

1 O “novo normal” é uma expressão que vem sendo usada no contexto da pandemia, deixando claro que nada voltará a ser como antes. Estamos cientes de que uma nova realidade se desenha para todos.

MAIA, B.R.; DIAS, P.C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. In: *Estudos de Psicologia*, Campinas, v.e200067, 2020.

RANGEL, Tauã Lima Verdan; GUEDES, Douglas Souza. *Ensino remoto e o ofício de professor em tempos de Pandemia – Ensino Remoto e a Pandemia de COVID 19*. Boa Vista: IOLE, 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. *Aplicativo Conexão Escola 2.0 já está disponível para professores e alunos da rede estadual de Minas Gerais*. Disponível em:
<<https://sreunai.educacao.mg.gov.br/index.php/home/institucional/quem-e-quem/9noticias/145-aplicativo-conexao-escola-2-0-ja-esta-disponivel-para-professores-e-alunos-da-redeestadual-de-minas-gerais>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

ZANELLA, Sandra. *Movimento Escolas Abertas faz ato pelo retorno das aulas presenciais*. Disponível em:
<<https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/08-02-2021/movimento-escolasabertas-faz-ato-pelo-retorno-das-aulas-presenciais.html>>. Acesso em: 26 abr. 2021.